

NEGÓCIOS SOCIAIS

O NAVE À VELA QUER TRANSFORMAR A EDUCAÇÃO E, PARA ISSO, IMPLANTA OFICINAS MAKER NAS ESCOLAS

Luana Dalmolin - 20 de setembro de 2017



A equipe do Nave à Vela tem engenheiros, designers, cineastas e até neurocientistas.

Compartilhar:



Ajudar a repensar o modelo escolar para o século XXI. Combinar conhecimentos e usar as tecnologias disponíveis para criar soluções criativas para problemas reais. Tendo esses objetivos como norte, o **Nave à Vela** articula elementos de engenharia, design e empreendedorismo dentro do currículo escolar para construir com os estudantes um olhar voltado para a inovação.

A proposta de trabalho do Nave passa por implementar espaços e dinâmicas makers em escolas, que compreendem atividades mão na massa apresentadas num contexto de projetos. Ferramentas manuais, componentes de eletrônica, impressora 3D e outras máquinas de fabricação digital são adotadas como ferramentas criativas que permitem aos alunos construir e dar vida às suas invenções. Lucas Torres, 27, está à frente do Nave à Vela e fala do cenário encontrado nas escolas hoje em dia:

“Os alunos já estão imersos em um ambiente tecnológico da cabeça aos pés. O grande problema é que estão apenas no papel de consumidor”

Ele prossegue: “A questão é como se apropriar dela para criar e empreender. A gente entende a tecnologia como ferramenta de experimentação, de transformação”. Ao seu lado trabalha uma equipe multidisciplinar de 14 pessoas, formada por designers, neurocientistas, cineastas e engenheiros.

DA BUSCA POR SOLUÇÕES CRIATIVAS NASCE UM NEGÓCIO

Engenheiros de formação, os sócios Lucas Torres, Miguel Chaves e Diogo Dutra tinham uma frustração em comum nos tempos da graduação: muita teoria e pouca prática. Não encontraram na universidade um contexto que incentivasse a busca por soluções criativas. Buscaram caminhos alternativos de especialização no Brasil, Estados Unidos e França em temas como inovação, inovação social, design e empreendedorismo.



O Nave à Vela implanta espaços maker nas escolas e dá apoio durante seu uso. Ali os alunos são estimulados a buscar soluções criativas para diversos problemas.

Acabaram se conhecendo pelo **Battle of Concepts**, uma plataforma de inovação aberta em que universitários e recém-formados são estimulados com recompensas a sugerir soluções para desafios propostos por grandes empresas. Deste contexto, nasceu, em 2011, a Caos Focado, uma consultoria de inovação. À princípio concebida por Miguel e Diogo, a Caos logo ganharia mais um sócio, Lucas.

Com algum tempo de estrada e clientes grandes como Itaú, os sócios começaram a questionar seu modelo de negócio e surgiu a vontade de empreender de uma maneira diferente: em busca de um impacto maior e com mais liberdade para executar os projetos. Em 2014, acontece então uma mudança de modelo de negócio e o que era uma consultoria de inovação transforma-se em um berço de spin-offs, que seguem uma mesma essência: estar conectada à tecnologia, propor uma solução e ser sustentável como negócio. Entre os três novos empreendimentos que surgiram dessa forma estava o Nave à Vela, dedicado à educação.

O **primeiro projeto do Nave** foi desenvolvido sob encomenda para alunos de ensino médio de um tradicional colégio privado de São Paulo, o Porto Seguro. “O Social Innovation foi feito em parceria com o D-Lab, um laboratório do MIT, e tinha como proposta fazer imersões em uma comunidade de baixa renda para co-criar ao longo do ano letivo projetos em um makerspace visando resolver problemas reais”, conta Lucas.

Desta vivência com a comunidade e com uma cooperativa de recicláveis, surgiram soluções interessantes, como um carrinho para facilitar o transporte do papelão, uma esteira para separar vidro e um protótipo para derreter latinhas de alumínio, transformando-as em barras (que têm um valor de venda maior). A fórmula se provou efetiva, e eles configuraram a empresa com base nisso: educação para transformar.

COMO PREPARAR CRIANÇAS E JOVENS PARA OS NOVOS TEMPOS

Lucas conta que os conteúdos e dinâmicas do negócio buscam formar adultos com as seguintes características: maker (se divertir explorando tecnologias e criações e buscar entender como funciona o mundo), designer (lidar com sistemas complexos e propor soluções para ajudar as pessoas) e empreendedora (testar rapidamente ideias para corrigir os erros e aprender a melhor forma de realizá-las).



A ideia do espaço maker Nave à Vela nas escolas é que a criança deixe de ser passiva em relação à tecnologia e saiba que pode criar, interferir, mudar.

Os currículos desenhados para o ciclo completo da educação básica, do Fundamental I ao Ensino Médio são compostos de quatro elementos: Competências Socioemocionais (autonomia, colaboração, empatia, resolução criativa de problemas), Design, Empreendedorismo e Tecnologia. No currículo proposto para o 6º ano do fundamental, por exemplo, os estudantes são apresentados a princípios da eletrônica, metodologias de design e a competência do universo do empreendedorismo, em aulas sequenciais.

As aulas têm 1h30 de duração e acontecem a cada 15 dias. Entre os projetos em curso este ano há um, da turma do 7º ano do colégio **Albert Sabin**, que consiste em desenvolver armadilhas para capturar o mosquito da dengue *Aedes Aegypti*. O processo passa por entender a biologia do inseto, mapear os pontos de maior incidência (momento em que aplicam conceitos de estatística) e prevê ainda conscientização da comunidade escolar acerca do problema.

HORA DE AJUSTAR PARA CRESCER COM MAIS SEGURANÇA

O modelo de negócios do Nave vem do valor recebido pela criação e implantação dos espaços maker. Compreende a criação do espaço em si (composto basicamente por ferramentas de marcenaria, componentes de eletrônica e uma bancada onde os alunos usam máquinas de fabricação, cortadora a laser e 3D), a compra de materiais, a escolha da equipe (que inclui um facilitador que pode ser um designer, um engenheiro, um professor), o treinamento constante dessa equipe e o acompanhamento do projeto (auxiliando na comunicação com os pais e a comunidade escolar).

Os contratos geralmente são de quatro anos. Para se ter ideia, apenas o investimento no espaço maker em uma escola custa de 25 mil a 80 mil reais. O valor dos serviços do Nave à Vela, porém, não pode ser divulgado no momento pois, justamente por conta do crescimento recente, os sócios estão se reposicionando para seguir escalando. O faturamento deste ano superou 1 milhão de reais.

Em 2016, o Nave estava em apenas cinco escolas e, agora, vão fechar 2017 com 20 — nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. Cada escola representa cerca de centenas a milhares de alunos, dependendo do tamanho. Entre as escolas estão Vera Cruz, Colégio Santa Cruz, Colégio Albert Sabin e Escola Viva). Até 2018, eles querem impactar 15 mil estudantes em seus maker spaces. A expansão deverá passar a incluir também escolas públicas, prevê Lucas.

Para ele, que se dedica a um mestrado na Poli sobre como os espaços makers estão transformando a educação básica, o universo maker é a bola da vez: “A aposta em um aluno com papel ativo em seu processo de aprendizagem é uma tendência”. A missão do Nave à Vela segue sendo provocar uma mudança na cultura escolar por meio da tecnologia e dos princípios do design e do empreendedorismo. Há um oceano imenso para se navegar.

DRAFT CARD

Projeto: Nave à Vela

O que faz: Elabora currículos escolares voltados para a inovação e implementa espaços maker

Sócio(s): Lucas Torres, Miguel Chaves e Diogo Dutra

Funcionários: 14

Sede: São Paulo

Início das atividades: 2014

Investimento inicial: Não computado (bootstrapping)

Faturamento: R\$ 1 milhão (em 2017)

Contato: lucas.torres@naveavela.com.br

